

Egretta garzetta
Garça-branca

Taxonomia:**Família:** *Ardeidae***Espécie:** *Egretta garzetta* (Linnaeus 1758).**Código da Espécie:** A026**Estatuto de Conservação:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): LC (Pouco preocupante).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): LC (Pouco preocupante).**SPEC** (BirdLife International 2004): Não SPEC (Espécie com estatuto de conservação favorável, não concentrada na Europa).**Protecção legal:**

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo III-A

Fenologia: Residente.**Distribuição:**

Global: A sua área de distribuição estende-se pela Albânia, Alemanha, Bélgica, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Espanha, França, Grécia, Hungria, Itália, Moldávia, Portugal Continental, República Checa, Roménia, Rússia, Turquia, Ucrânia (BirdLife International/European Bird Census Council 2000). Pode também ocorrer nos Açores, Dinamarca, Holanda, Ilhas Canárias, Reino Unido, República da Irlanda, Madeira, Noruega, Polónia e Suécia (Cramp & Simmons 1977). Uma parte da população europeia inverte na Península Ibérica e Norte de África, mas a maior parte das aves migra para o Sul de África.

Nacional: A sua distribuição em Portugal Continental estende-se no Inverno a todo o País, sobretudo na faixa litoral, recuando para a metade sul durante a época de reprodução.

Tendência Populacional :

É desconhecida a tendência populacional desta espécie na sua área geográfica de distribuição, sugerindo-se no entanto uma certa estabilidade (Wetlands International 2002).

No entanto, em Portugal as colónias mais importantes desta espécie, nomeadamente na Ria Formosa têm conhecido uma redução acentuada, sugerindo assim um declínio em Portugal (V. Encarnação dados não publicados).

Abundância:

Os censos realizados de Inverno indicam que os efectivos variam entre os 3 500 e os 4 000 indivíduos. Os efectivos nidificantes são estimados entre 1 500 e 2 000 casais (V. Encarnação dados não publicados).

fauna, *aves***Requisitos ecológicos:**

Habitat: Frequenta a orla costeira, estuários, lagoas costeiras, pisciculturas, arrozais, valas, cursos de água, pauis, açudes e barragens.

Espécie colonial, nidifica em árvores altas, arbustos (*Salix*, *Tamarix*), por vezes em caniçais, matas e ocasionalmente em rochas ou em saliências, falésias e cavidades.

Alimenta-se durante o dia e ao crepúsculo, sobretudo em águas pouco profundas de estuários (zonas de sapal e arrozal), valas, pauis e lagos com vegetação ausente a medianamente densa e no final do Verão ocorre frequentemente em terrenos secos.

Frequentemente é observado em pequenos bandos, habitualmente associada a outras graças gregárias. Descansa de noite nas árvores, com outras espécies, normalmente *Bubulcus ibis*.

Alimentação: Alimenta-se de pequenos peixes e anfíbios, insectos terrestres e aquáticos (larvas e adultos), também crustáceos, lagartos, minhocas, caracóis, pequenos mamíferos e cobras.

Reprodução: Usualmente silenciosa, excepto na fase de nidificação. Pode deslocar-se por mais de 20 km entre o local de nidificação e a área de alimentação. Casal monogâmico, que se mantém unicamente durante a época de nidificação, não reconhecendo o seu parceiro fora dos locais de nidificação. As crias são nidícolas. Ambos os progenitores cuidam dos juvenis, até à fase em que atingem o desenvolvimento que lhes permite tornar independentes. Depois de alcançada a independência dispersam mais ou menos ao acaso, esta dispersão parece estar associada ao alimento disponível (Cramp & Simmons 1977).

Ameaças:

A **drenagem e destruição de zonas húmidas e caniçais** para aproveitamento agrícola e pecuário. A manutenção desta espécie depende da existência de extensas áreas de zonas húmidas onde se alimenta;

A **má gestão dos recursos hídricos**. Intervenções hidráulicas associadas a alterações dos níveis de água com origem na gestão de açudes e barragens, pode pôr em risco as colónias normalmente situadas em árvores ou arbustos aí existentes;

As **alterações do uso do solo** nas áreas circundantes às colónias que são utilizadas como locais de alimentação, nomeadamente o abandono da cultura de arroz ou conversão para a cultura de sequeiro. Zonas ricas em peixe e anfíbios, são essenciais para conservação da população nidificante;

A **perturbação nas áreas de nidificação**. Espécie sensível a qualquer tipo de perturbação, principalmente junto às colónias o que provoca a regurgitação dos alimentos pelos juvenis e a fuga do ninho, o que causa muitas vezes a sua morte;

A **poluição da água** por efluentes domésticos, industriais e agrícolas. Utilização de adubos, pesticidas e herbicidas nas zonas de alimentação, contaminando os recursos alimentares;

A **colisão com linhas aéreas de transporte de energia** pode ser um importante factor de mortalidade, particularmente em dias de fraca visibilidade, quando aquelas estruturas são colocadas perto das áreas utilizadas pela espécie ou nas suas rotas de migração;

A **instalação de parques eólicos** em corredores importantes para os movimentos entre as colónias e as zonas de alimentação, a migração e dispersão de aves pode constituir um importante factor de mortalidade da espécie através da colisão nas pás dos aerogeradores. Os traçados eléctricos que estão associados aos parques eólicos constituem outro problema importante devido aos subsequentes riscos de colisão.

fauna, aves

Objectivos de Conservação:

Manter a área de distribuição e ocupação actual.

Manter e melhorar as condições de sustentabilidade dos habitats de alimentação e reprodução na área de distribuição da espécie.

Orientações de Gestão:

- Manter e incrementar as áreas de habitat de suporte potencial para nidificação da espécie e melhorar as condições nos habitats de alimentação. Recuperar zonas húmidas interiores e costeiras, conservando e recuperando a vegetação palustre e condicionando a drenagem.
- Manter e melhorar a qualidade da água pelo tratamento eficaz das descargas de efluentes.
- Fiscalizar e controlar o funcionamento e eficácia das ETAR e monitorizar a qualidade da água.
- Restringir o uso de agro-químicos e adoptar técnicas alternativas;
- Restringir o uso de agro-químicos nas áreas circundantes às colónias.
- Melhorar eficácia de fiscalização sobre a perturbação junto às colónias.
- Proibir a instalação de linhas eléctricas de transporte de energia nas áreas mais importantes para a espécie;
- Equipar as linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, e que se revelem mortíferas para a espécie, com sinalizadores anti-colisão;
- Condicionar a instalação de parques eólicos nas áreas mais importantes para a migração e dispersão da espécie.
- Desenvolver estudos de monitorização do impacte das linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, de forma a conhecer o seu efeito na população nacional destas aves;
- Elaborar e implementar Planos de Gestão nas áreas mais importantes para a espécie.
- Monitorizar os efectivos nidificantes da espécie.
- Informar e sensibilizar as populações e entidades para a conservação da espécie.

Bibliografia

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Palearctico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1977). *Handbook of the birds of Europe, the Middle East and North Africa: the birds of the Western Palearctic, (Ostrich to Ducks)*, Vol. I. Oxford University Press, Oxford.

Farinha JC & Costa H (1999). *Guia de Campo das Aves Aquáticas de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

ICN (em prep). *Novo Atlas das Aves que Nidificam em Portugal*. Dados provisórios. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Não publicado.

fauna, *aves*

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza , Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .

Wetlands International (2002). *Waterbird Population Estimates – Third Edition*. Wetlands International Global Series No. 12, Wageningen, The Netherlands.